

RESENHA

CONFÚCIO. *Os Analectos*. Tradução, comentários e notas de Giorgio Sinedino. São Paulo: Unesp (parceria com o Instituto Confúcio na Unesp), 2012, 607 páginas.

Os *Analectos* atribuídos ao grande pensador chinês Confúcio (551-479 a.C) já ganhou em língua portuguesa inúmeras traduções de inúmeras editoras, que apresentavam, seja de forma aforismática ou de forma fragmentada, a grande sabedoria baseada na ética do confucionismo. Pensar a sabedoria e analisar sua estrutura em benefício dos outros sempre foi a grande meta dos textos confucianos que prezavam pelo ideal da liberdade política, da boa vizinhança e finalmente das inúmeras formas de compreender os homens e suas ações.

A grande inovação desta edição que ora trabalhamos é o ineditismo de sua proposta. A editora UNESP juntamente com o *Instituto Confúcio* na Unesp apresenta a tradução completa dos *Analectos* de Confúcio sob a responsabilidade de Giorgio Sinedino, diplomata brasileiro, pesquisador e conhecedor da língua e da cultura chinesa, em edição crítica. A finalidade do *Instituto Confúcio*, que está presente em 369 universidades de 96 países, é a

divulgação e disseminação da língua e da cultura chinesa e chegando ao Brasil somente tem a colaborar com as relações entre China-Brasil. Esta publicação dos *Analectos* é uma edição bilíngue (chinês-português) onde cada um dos aforismos de Confúcio são comentados por Zhu Xi (1130-1200), sendo traduzidos juntos representam o que de melhor pode ser compreendido do texto original. “O objetivo desta edição é colocar a disposição do leitor brasileiro uma tradução fiel do original em chinês arcaico e também explicar esse texto a partir da tradição dos principais comentaristas chineses”¹.

A edição que caminha para ser a edição definitiva que ora analisamos se inicia com uma nota do *Instituto Confúcio na Unesp* assinada por Luís Antonio Paulino, presidente do instituto, que oferece o sentido de sua criação no Brasil e suas perspectivas de pesquisa e estudos. Apresenta em seguida os

¹ Sinedino, Giorgio, *Introdução*. In CONFÚCIO. *Os Analectos*. São Paulo: Unesp, 2012, p. XVII.

mapas locais para que o leitor possa se situar dentro da China na época de Confúcio, mostrando o período da primavera e outono, o país de Lu e seus arredores que foi a terra natal de Confúcio e finalmente o périplo de países que forma a rota do mestre Confúcio durante seu exílio de treze anos nas vizinhanças de Lu, além de um mosaico de Confúcio.

A introdução geral a tradução de Sinedino nos fornece os elementos básicos para compreendermos as circunstâncias da formação do corpo do livro e suas principais questões, como por exemplo, *como ler os Analectos?*, *Qual a estrutura dos Analectos?* Que são imprescindíveis para uma correta leitura deste clássico, estas informações nos levam a entender que o texto original foi escrito em rolos de bambu (*juan*) e que a própria divisão capitular do texto é bem posterior a sua redação e que sua leitura sistemática provocará um certo desentendimento filológico por conta das necessidades gráficas e estilísticas de seus autores. Ainda na introdução, Sinedino nos revela os critérios adotados para a tradução reconhecendo o estilo clássico da obra e de suas formas técnicas.

Aspectos como *qual a importância dos Analectos?*, *Quem foi Confúcio?* *O que é o confucionismo?* E

Por que ler o Analectos? Demonstram a seriedade da edição e com o leitor que tem em mãos uma edição que exemplifica os textos confucianos. Antes, ainda, do texto, o tradutor apresenta uma *Breve nota bibliográfica* informando as edições utilizadas para a tradução e para os comentários além dos dicionários utilizados e textos de comentadores que o auxiliaram. Outro importante detalhe que deve ser informado aqui, é que ao final a edição de Sinedino oferece um índice de discípulos de Confúcio que de alguma forma são citados no decorrer do texto e que situa o leitor dentro do contexto do mestre Confúcio.

Os *Analectos* são apresentados em dez rolos, cada rolo tem dois capítulos, eles desenvolvem um forte grau de sabedoria que envolve aspectos éticos e diretrizes que nos lançam para compreender melhor a vida. Confúcio foi o pensador da legitimidade que defende a justiça e o percurso da verdade. Os *Analectos* são de leitura indispensável para compreender a China, seus aspectos culturais, políticos, territoriais e até mesmo religiosos. Outro aspecto, que aqui é importante para nós, é a dimensão religiosa que a obra aponta e revela, isto é, nas obras de Confúcio é possível verificar um forte tom de ética ligado a preceitos e

principalmente ao conceito de *ren* (virtude humana) e *Li* (rito) que se transformam em conceitos filosóficos distintos.

Sua estrutura é formada por dois caracteres que significam a humanidade do homem e sua finalidade de sempre fazer o direito, o correto, dessa forma o *ren* pode ser traduzido também como um amar, a benevolência, a amabilidade humana ou até mesmo compaixão e simpatia, isto é, uma virtude humana. Nos esclarece Cheng: “O *ren* parece ser um valor que Confúcio coloca bem alto, tão alto que não o atribui a ninguém a não ser, a rigor, aos santos místicos da antiguidade”². Na busca de sua compreensão é afirmado nos *Analectos*: “O Mestre disse: A Humanidade está distante? Se desejo a Humanidade, ela vem [a mim]”³. O *ren* é definível, mais só pode ser compreendido quando se parte de si, do homem que quer fazer o bem, o homem que conhece a sabedoria e coloca-a em prática, por isso o *ren* é, para Confúcio, amar toda a humanidade, amando a humanidade amo o homem que está em cada homem, dessa forma amo o próprio amor que gerou o homem. A ideia/conceito de humanidade vem a

quem a procura. Nos *Analectos* encontramos uma das regras básicas do confucionismo: *Aquilo que não se quer para si próprio, não se deve fazer aos outros*⁴. Fazer ao outro o que se quer a si mesmo é a regra de Confúcio. O bem, para ele, só gera o bem, o mal o mal. A humanidade só entenderá o sentido do homem quando entender o sentido das coisas que movem o homem, os gestos, as ações e por fim o caráter diz quem é o homem e o que este homem faz. Fazer o bem é a regra monástica de Confúcio. A família, para os confucionistas, é o primeiro lugar onde é gerada a consciência de se colocar no lugar do outro.

“Os *Analectos* oferecem muitos exemplos de como *ren* se mostra na vida do indivíduo confuciano paradigmático. Por exemplo, ele é associado a cinco atitudes: deferência, tolerância, fazer o bem na palavra do indivíduo, diligência e generosidade (cf. *Analectos* 17, 6). É uma das seis qualidades desejáveis de caráter (junto com a sabedoria, fazer o bem na palavra do indivíduo, retidão, coragem e resolução)”⁵.

O conceito *li* também tem sua elasticidade. O termo quer dizer uma

² CHENG, Anne. *História do pensamento Chinês*, p. 71.

³ CONFÚCIO. *Os Analectos*, 7, 29, p. 243.

⁴ Cf. CONFÚCIO *Os Analectos*, 12, 2, p. 356.

⁵ LAI, Karyn. *Introdução à Filosofia Chinesa*, p. 41.

espécie de código normativo ou código de conduta. Sua origem está ainda nos textos *pré-confucianos* e dizem respeito a conservação de determinados rituais religiosos como a bênção e o sacrifício, em Confúcio o termo ganha uma autonomia de significar o sentido de se estar fazendo a coisa certa através de uma expressão de religiosidade, como um *rito*, nos *Analectos* ele aparece como referência a rituais religiosos e até mesmo transparece o comportamento da pessoa cultuada, o conceito *li* evoca um conservadorismo da moral e dos bons costumes, *li* é a normatividade de se estar fazendo o que é certo, e ainda mais, ser visto pelo sagrado fazendo o bem.

Ren e *li* são conceitos interdependentes, onde nenhum dos dois conceitos tem significado independente de si mesmo e que ligando-se um ao outro obtemos a perfeição no estado possível de humanidade⁶. Para Confúcio as pessoas devem ser governadas pelos bons exemplos dos governantes, guiados pela virtude e reguladas pelos princípios do decoro, o conhecimento é o próprio conhecer do homem, nos diz Wing-tsit: “De fato, essa doutrina é de suprema importância na filosofia chinesa; é, não

apenas a espinha dorsal do confucionismo, tanto antigo como moderno, mas também da filosofia chinesa como um todo”⁷.

Dessa forma fica nosso convite para que se leia *Os Analectos* de Confúcio como um livro que sirva para a vida, para o bem estar e principalmente para a edificação do ser como pessoa, isto é que o homem encontre sua humanidade, que não esta em outro lugar a não ser dentro de si mesmo.

Deyve Redyson
Doutor em Filosofia
Professor do Programa de Pós-
Graduação em
Ciências das Religiões
Universidade Federal da Paraíba

⁶ Cf. BAUER, Wolfgang. *Historia de la filosofia china*. Barcelona. Herder, 2009, p. 63-64.

⁷ WING-TSIT, Chan. *História da filosofia chinesa*. In MOORE, Charles (Org.) *Filosofia: Oriente e Ocidente*. São Paulo. Pensamento. 1978, p. 45.

